

RUBALCABA E SEGURO CONVERSAM EM LISBOA

por Mário Soares

Desde que se deu a Revolução dos Cravos, em Portugal, e a Transição Democrática acordada em Espanha, que penso que as relações entre os dois Estados ibéricos deviam mudar e tornar-se bem mais frequentes e fraternas.

Modesta à parte, fiz alguma coisa por isso, no tempo em que tive como interlocutor o primeiro-ministro Adolfo Suarez. Com ele subscrevi o Tratado de Amizade entre os dois Estados, que substituiu o obsoleto Tratado Ibérico dos dois ditadores, Franco e Salazar, sempre desconfiados entre si. Mais tarde, com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez, querido Amigo, combinámos entrar no mesmo dia na então CEE e tivemos sempre contactos regulares e fraternos.

Os tempos passaram. Mas as relações entre os dois Estados ibéricos, mesmo que os partidos no poder fossem política e ideologicamente diferentes, senão contrários, nunca deixaram de ser boas e frutuosas, no quadro europeu e ibero-americano. Com efeito, somos aliados na União Europeia - e solidários, como devem ser os Estados europeus - na NATO e na Comunidade Ibero-Americana, que une a Península Ibérica à Ibero-América, incluindo, obviamente, o Brasil, um Estado emergente, hoje de decisiva importância.

Vem isto a propósito do encontro de Lisboa entre os dois dirigentes, Alfredo Rubalcaba do PSOE e António José Seguro do PS. Tendo-se antes encontrado, também em Lisboa, o primeiro-ministro Mariano Rajoy, líder do PP e o actual primeiro-ministro português, Passos Coelho, líder do PSD e da coligação governamental PSD/CDS/PP.

Há, portanto, na época de crise global que vivemos - e que afecta tanto os dois Estados peninsulares, como tantos outros - todas as razões para aprofundar as nossas relações, que não se situam tão só no momento, tão melindroso, da União Europeia, mas também em áreas que nos tocam tanto como o Mediterrâneo Ocidental, o Atlântico, África, os Estados Unidos e a Ibero-América.

Claro que os dois partidos socialistas têm uma visão muito distinta da que têm - embora com nuances - os dois partidos conservadores ibéricos, hoje, no poder. Mas para além das diferenças político-ideológicas, há os problemas nacionais, que se nos impõem, independentemente dos interesses partidários. E é isso o que mais conta.

Não tinha o gosto de conhecer pessoalmente Alfredo Rubalcaba, embora tenha acompanhado, sobretudo através do El País, o seu percurso. Teve, contudo, a amabilidade de me visitar, o que muito me honrou e deu-me, assim, a oportunidade de termos uma conversa breve, mas que chegou, para nos entendermos quanto à crise global que nos afecta e ao modo de sairmos dela, embora com as limitações de pertencermos ambos a partidos da Oposição.

Contudo, o que mais importa é o modo como vencer a crise e de evitar que a austeridade, que os mercados usurários nos querem impor, nos impeça de crescer economicamente e de lutar contra o desemprego, de forma a reduzi-lo, drasticamente. Trata-se de um problema muito sério que não afecta só os nossos Estados ibéricos mas, cada vez mais, a União Europeia no seu conjunto, especialmente da zona euro. Ainda agora - quem tal diria? - outro Estado parece estar a entrar em colapso: a Holanda!

Acho que os Partidos Socialistas, Social-Democratas, Trabalhistas e Verdes, hoje quase todos na Oposição, devem aproveitar esta oportunidade única para repensar a Esquerda e se refundarem no plano político, económico, social e cultural. Os mercados usurários não podem continuar a dominar os Estados, como tem acontecido, porque em democracia é o voto - e não o dinheiro - que legitima o poder. A menos que queiram destruir as democracias europeias...

A França, com os resultados que obteve na primeira volta das eleições presidenciais, abriu à Esquerda - veremos como o eleitorado se comporta em 6 de Maio próximo - uma janela de esperança. Outras se abrirão. E será com esse sentido que a Esquerda, na Oposição e sem pressa de voltar ao Governo, se deve preparar não só para se refundar partidariamente mas também para ajudar a transformar a União Europeia, no seu conjunto, reafirmando os valores políticos, sociais e civilizacionais dos Pais Fundadores, no contexto novo a que a Europa, para sair da crise, está obrigada.

Lisboa, 23 de Abril 2012